

“ESCREVER-TE-EI SEM DEMORA”! O EPISTOLÁRIO DE CHIARA LUBICH: ESTRATÉGIAS E PRÁTICAS

“I will write you immediately”! The Chiara Lubich’s epistolary: strategies and practices

“Ti scriverò presto”! Lo epistolario di Chiara Lubich: strategia e pratiche

*Maria José Dantas**
*Judith Povilus***

Resumo: Este artigo ressalta o debate acerca dos usos das correspondências como fonte para os estudos de História da Educação e, sobretudo, da História da Educação religiosa católica. Chiara Lubich, professora italiana, adotou as cartas como um recurso de formação capaz de chegar a pessoas e lugares onde não poderia estar fisicamente e, ao longo de sua vida, criou uma abordagem educativa por meio epistolar que, pela notoriedade em âmbito religioso e social, pode ser considerada uma perspectiva diferenciada de pedagogia católica. O estudo visa identificar por meio da análise de um de seus epistolários, o enfoque pedagógico contido em seus escritos. A reflexão apresenta como subsídios teóricos os conceitos de materialidade de Roger Chartier; carisma, campo religioso e relações simbólicas de Pierre Bourdieu, além de estratégia e tática de Michel de Certeau.

Palavras-chave: Correspondências. Chiara Lubich. Pedagogia. História da educação.

* Doutora em Educação pela Universidade Federal de Sergipe com estágio de doutorado sanduíche no Istituto Universitario Sophia, Itália (2012). Professora das Faculdades Integradas de Sergipe – FISE e da Faculdade Jardins (2014). Membro da Sociedade Brasileira de História da Educação. *E-mail:* mariajosedantas@yahoo.com.br

** Doutora em Teologia Dogmática pela Pontificia Università Lateranense, Roma. Professora do Istituto Universitario Sophia. Coordenadora do Programa de Doutorado em Pesquisa Transdisciplinar “*Fondamenti e Prospettive di una Cultura dell’Unità*”, Istituto Universitario Sophia. *E-mail:* judith.povilus@iu-sophia.org

Abstract: This article emphasizes the debate about the use of written correspondence as a source for the study of the History of Education and especially the history of Catholic religious education. Chiara Lubich, an Italian Catholic school teacher who, used letters as a privileged way to keep in touch with the people. She took letters as a resource able to reach people and places where she could not be physically present and, created an educational approach epistolary, who can be considered as a different perspective in Catholic pedagogy. The research aims to identify and analyze how Chiara's teaching activity through epistolary medium was configured and, specifically, what formative approach is contained in these writings. The theoretical foundation of the research is based on the concepts of materiality, by Roger Chartier; charisma, religious field and symbolic relations of Pierre Bourdieu; in addition, Michel de Certeau's strategy and tactic were used.

Keywords: Chiara Lubich. Correspondence. History of education. Pedagogy.

Sommario: Obiettivo di questo lavoro è l'analisi della valenza formativa della scrittura epistolare nella storia dell'educazione, soprattutto nella storia dell'educazione cattolica. Chiara Lubich, un'insegnante italiana, ha utilizzato la "corrispondenza" come "metodo" di formazione e "mezzo" privilegiato per raggiungere e rimanere in contatto con le persone anche in luoghi in cui non poteva essere fisicamente presente. L'epistolario di Chiara, anche per la sua notorietà in ambito religioso e sociale, può essere considerato come un particolare approccio educativo nell'ambito della pedagogia Cattolica. Lo studio si propone di individuare attraverso l'analisi di uno dei suoi epistolari, l'approccio pedagogico contenute nei suoi scritti. La riflessione presenta come supporto teorico i concetti di materialità di Roger Chartier; carisma, campo religioso e relazioni simboliche di Pierre Bourdieu; strategia e tattica di Michel de Certeau.

Parole chiave: Chiara Lubich. Pedagogia. Scrittura epistolare. Storia dell'educazione.

Palavras introdutórias

Inserido nos estudos que enfatizam o debate acerca dos usos das correspondências como fonte para as investigações em História da Educação e, sobretudo, da História da Educação religiosa católica, este artigo se debruça de modo específico sobre a escrita epistolar de Chiara Lubich, uma professora católica italiana, que na década de 1940, fundou os Focolares¹ um Movimento nascido no âmbito católico, com abertura ecumênica e diálogo inter-religioso e intercultural, que segundo estatísticas dos seus dirigentes, está difundido em mais de 180 países dos cinco continentes.

O estudo visa identificar, mediante análise de um epistolário da fundadora dos Focolares, como se configurou sua prática educativa por meio das cartas e, especificamente, verificar o enfoque pedagógico contido em seus escritos.

O suporte teórico que fundamenta a análise é composto por alguns conceitos, tais como: materialidade, de Roger Chartier; carisma, campo religioso, relações simbólicas de Pierre Bourdieu, como também estratégia e tática de Michel de Certeau.

As investigações com cartas em História da Educação chamam atenção para alguns aspectos: a importância dos textos autobiográficos como fonte de pesquisa; a contribuição que estes estudos podem oferecer, dentre outras formas, para elucidar aspectos específicos de processos de formação e, também, como suporte para perceber elementos das trajetórias de intelectuais, professores e alunos.

Em séculos passados, muitas famílias, confessores e educadores estimularam a anotação dos acontecimentos vivenciados durante o dia em diários ou por meio da troca de correspondências. Segundo Ribeiro (2011a), Chiara também aconselhou as pessoas, que começaram o Movimento junto com ela, a escreverem diariamente, a anotarem alguma coisa sobre como viveram. E ela mesma realizava tanto a escrita em diários, como a escrita de cartas, o que possibilita aos pesquisadores se depararem com vários elementos que compõem sua memória e que permitem acompanhar sua trajetória. Entretanto, nesta análise priorizou-se a escrita epistolar.

¹ Focolares vem da palavra italiana *focolare*, que significa “lareira”, lugar onde está o fogo que aquece o lar e fornece luz e calor.

Chiara e sua formação docente

Chiara nasceu em Trento no dia 22 de janeiro de 1920 e faleceu em Rocca di Papa no dia 14 de março de 2008. Seu percurso escolar teve início na Escola Maternal “Giovanni Battista Zanella”, a mais antiga instituição de Educação Infantil de Trento, fundada em 1841. Depois estudou por cinco anos na Escola Elementar “Giuseppe Verdi”, e após concluir o Ensino Elementar, por conta de problemas financeiros da família, foi matriculada na Escola de Introdução Profissional “N. E P. Bronzetti”. Esta escola era destinada aos filhos de operários e agricultores, que deveriam aprender uma profissão.

As professoras a conheciam e sabiam da grande facilidade que tinha para ensinar às colegas. Assim, aconselharam seus pais a matricularem a filha no Instituto Magistral para que se tornasse apta a ensinar em escolas elementares. Em atenção à sugestão das professoras, Luigia, mãe de Chiara, a inscreveu no Magistral.

Era uma escola laica onde trabalhavam alguns professores ateus, dentre eles, o de Filosofia. Chiara não obstante gostar muito da disciplina, constantemente, pronunciava-se para dizer que não concordava com muitas das ideias daquele professor. De acordo com Folonari (2012a), as colegas temiam que ela tivesse um conceito baixo, diziam: “Fique quieta, senão terás uma nota ruim”. Por conseguinte, ela concluiu o ano com média excelente em Filosofia (FOLONARI, 2012a, p. 31).

A educação na Itália, neste período, foi caracterizada pela Reforma do Ministro Giovanni Gentile e pelas propostas metodológicas de Maria Montessori, que sublinhou a experiência sensório motora das crianças e Maria Boshetti Alberti, responsável por instituir a escola serena que, segundo Cambi (1999), inspirava-se num ideal de continuidade entre a escola e a família: “[...] nela, o ensino perdia toda rigidez preordenada e se desenvolvia segundo os princípios de ‘serenidade, equilíbrio, atividade, espontaneidade’” (CAMBI, 1999, p. 518). Também se faziam notar as propostas das irmãs Carolina e Rosa Agazzi³ que enfatizavam

² O currículo feminino desta escola era composto pelas seguintes matérias: Língua Italiana, História e Geografia, Língua Alemã, Higiene, Matemática, Elementos de Ciência, Desenho, Caligrafia, Canto Coral, Economia Doméstica, Religião e Exercícios Práticos (ANNUARIO, 1930).

³ Segundo Cambi (1999), estas duas irmãs organizaram um método inovador para a escola infantil. Juntamente com o método montessoriano, também privilegiavam o protagonismo

a necessidade de que a escola maternal fosse um lugar educativo em sintonia com a vida familiar e social.

Estas quatro mulheres são consideradas grandes expoentes da pedagogia italiana. Suas iniciativas pedagógicas fazem parte do Movimento das Escolas Novas e estão imbuídas dos propósitos da educação ativa.

Exercício da docência e da escrita epistolar

Chiara trabalhou como professora inicialmente em Castello (Val di Sole) e em Varollo di Livo (Val di Non), na região do Trentino. As narrativas sobre sua atividade docente foram descritas por biógrafos, possivelmente com base em depoimentos de ex-alunos. São descrições que nos levam a pensar nos aspectos enfatizados pela Pedagogia Ativa; de modo particular, pela ideia de escola materna difundida pelas irmãs Agazzi.

Após dois anos de trabalho em regiões montanhosas, com o aumento dos rumores da II Guerra⁴, Chiara permaneceu na cidade de Trento e foi convidada a ensinar em Cognola (nos arredores de Trento) numa escola para crianças órfãs, administrada pelos Capuchinhos.

Não foi possível identificar quando exatamente Chiara escreveu sua primeira carta, no entanto percorrendo sua trajetória percebemos que os primeiros registros de sua escrita epistolar que foram localizados, estão entre o final da década de 1930 e a década de 1940. São cartas a familiares, amigos, colegas de trabalho, alunas, padres, freiras e a grupos de pessoas.

A prática epistolar era muito estimulada nas escolas de Trento. Consultando o *Annuario* do ano escolar 1927-1928, de um dos locais onde Chiara estudou, “a Scuola N. E p. Bronzetti”, encontramos um relatório organizado pela Professora de Literatura, Elena Henrich, com cartas e versos inéditos do poeta Vincenzo Monti ao amigo Clementino Vannetti. Na introdução,

do aluno e o papel do educador como mediador e incentivador de atividades e propostas de descobertas.

⁴ Em junho de 1940, a Itália de Mussolini entrou em guerra, ao lado da Alemanha de Hitler e, apesar dos comentários de que tudo seria resolvido rapidamente, todos os dias na estação se repetia a mesma cena: por entre lágrimas, abraços e palavras de encorajamento, saudavam-se os filhos, os irmãos, os amigos e os conterrâneos que partiam para a frente de batalha (FOLGHERAITER, 2010, p. 46, tradução nossa).

a autora enfatiza que esse é um assunto que pode exercitar a curiosidade e favorecer a fantasia. Segundo ela:

De fato, quando ouvimos falar sobre relatório epistolar, pensamos quase sempre em uma bela moça, conhecida somente por meio de uma série de cartas misteriosas e perfumadas com um perfume sutil e bom de sua alma; e nossa fantasia não se cansa de imaginar os amores platônicos exalados em versos suaves, em expressões de adoração por uma amante sonhada e nunca vista, por uma mulher que fascina e atormenta de longe, com a profundidade do espírito, como atrairia de perto com a beleza de seu vulto. [...] A mim dói o coração não poder tratar de um assunto sugestivo como esse. As mulheres não entrarão neste meu trabalho, se tiver que nomear alguma, deverei fazer rapidamente para que o seu brilho e prazer não me distraiam e afugentem do assunto que quero tratar. Desta vez, não tem a mulher, mas não faltará o poeta (ANNUARIO, 1928, p. 3, tradução nossa).

Vincenzo Monti era poeta, escritor e dramaturgo italiano, viveu no século XVIII. Seu encantamento pela poesia fez com que mantivesse um intercâmbio epistolar com Clementino Vannetti, que era ligado ao gênero literário. A organizadora da análise se lamenta por não ter conseguido acesso a todas as correspondências trocadas entre os amigos.

Dói-me de não poder colocar em evidência como gostaria os rostos dos dois amigos, porque só pude ler as cartas de Monti, as de Vannetti parece que foram todas perdidas. Depois de muitas pesquisas, só consegui encontrar o rascunho da primeira carta escrita por Vannetti ao amigo (ANNUARIO, 1928, p. 3, tradução nossa).

A justificativa da autora e o conteúdo do relatório fazem pensar no olhar e na valorização nutridos pelo intercâmbio epistolar já no início do século XX. Ela diz ter procurado as correspondências. Teria uma intenção histórica ou meramente literária? O que na verdade queria mostrar aos alunos e aos seus pares da *Scuola Bronzetti*? Escrever sobre epistolários parecia uma atividade constante dos *Annuarios* dessa Escola. No ano escolar 1929-1930, o impresso publicou uma análise sobre 60 cartas de Giovanni de Pretis,

ex-deputado de Trento, à sua mulher Leopoldina Avancini que habitava em Levico, uma pequena cidade da região do Trentino.

A correspondência era uma das práticas de comunicação possíveis e muito utilizada numa época anterior ao telefone, ao *e-mail* e aos meios de comunicação modernos e, por isso, é provável que os epistolários cujo conteúdo apresentasse uma mensagem relevante tornavam-se públicos, visando a incentivar este tipo de escrita.

As investigações sobre escrita epistolar

A pesquisa e o trabalho com cartas requerem competência, sensibilidade e disposição do pesquisador. Muitas correspondências são encontradas empoeiradas em arquivos, ou guardadas em pastas classificadoras, pastas de papelão, pacotilhas fechadas e etiquetadas, caixas, baús ou até mesmo em envelopes amarelados achados em meio a páginas de livros, agendas ou gavetas. Isso não é diferente com relação às cartas de Chiara, segundo Folonari (2012c), responsável pelo arquivo do Centro Chiara Lubich, eles têm conseguido recuperar muitas cartas obtidas em lugares como esses, mas ainda não possuem dados precisos sobre a quantidade de correspondências enviadas e recebidas por Chiara.

A professora trentina utilizava cartas como um meio privilegiado para manter-se em contato com as pessoas, geralmente, como instrumento para comunicar-se e saudar um destinatário único; porém, existem também cartas a grupos e comunidades. Essa prática epistolar se tornou constante em sua vida e na história do Movimento. Uma parte de suas correspondências escritas durante a década de 1940 foi organizada⁵ e publicada em 2010 (LUBICH, 2010).

Na década de 1980, ela inaugurou uma nova modalidade de cartas: “O Pensamento Espiritual”, uma mensagem lida inicialmente em um Colégio CH⁶, uma conferência telefônica iniciada na Suíça, em agosto

⁵ Existe um conjunto de cartas precedentes às da década de 40 do século XX, que foram estudadas e organizadas por Marisa Cerini, com a colaboração de Judith Povilus, mas que ainda não foi publicado e por conta disso não estão acessíveis para consulta.

⁶ Chama-se CH porque é emitido por uma central de comunicações Suíça e “CH” é a sigla internacional daquele país (Confederazione Helvetica). Atualmente, une de forma

de 1980. Essa nova espécie de comunicação, logo começou a ser utilizada também na Itália: inicialmente, a cada 15 dias, posteriormente, a cada 30 dias e, atualmente, a cada 60 dias. Nestes escritos, Chiara não proferia um conselho específico, uma resposta particular – escrevia e descrevia o que viveu, alguma experiência e aquilo que desejaria que os membros do Movimento colocassem em prática. Esse texto, logo depois, era enviado por fax e publicado na revista *Mariapoli*.⁷ Algumas coletâneas foram também publicadas em livros, inicialmente em Italiano e depois traduzidas para outras línguas, inclusive, para o Português (LUBICH, 1984b; 1987; 1992; 1994; 2001; 2002^a e 2004).

É importante ressaltar que a escrita epistolar no cristianismo começou a ser aplicada já desde as primeiras comunidades. As cartas foram utilizadas pelos Apóstolos e assumiram dimensões instrutivas, catequéticas e evangelizadoras. Na História da Igreja Católica, vários Santos e Santas, além dos Apóstolos, serviram-se deste veículo de comunicação, como recursos para suas atividades formativas. Assim sendo, o uso epistolar tem sido uma estratégia pedagógica⁸ de doutrinação e evangelização, desde a origem do catolicismo. Ao lado de impressos como: manuais, catecismos, jornais e revistas católicas, as cartas servem para suscitar a exortação à fé, a perseverança no catolicismo e a exaltação das virtudes. Além dos epistolários deixados por muitos Santos, as autoridades da Igreja: Papa, Cardeais e Bispos mantêm o costume de escrever Encíclicas, Cartas Apostólicas e Cartas Pastorais para instruir os fiéis.

Alguns pesquisadores têm trabalhado com a escrita epistolar católica⁹ e vêm contribuindo para esclarecer aspectos da História da Educação em

simultânea os membros do Movimento nos vários países dos cinco continentes em mais de 300 pontos de escuta e também pela internet. No *Collegamento*, Chiara transmitia um pensamento espiritual como proposta de vida para os membros do Movimento. Nos Collegamentos atuais realizados por Maria Emmaus Voce, sucessora de Chiara na Presidência do Movimento, após as saudações das regiões e notícias da atualidade, são repetidas algumas das gravações de Collegamentos anteriores com a parte em que Chiara faz a leitura do Pensamento Espiritual.

⁷ Um noticiário interno do Movimento dos Focolares.

⁸ Devido à amplitude do conceito de Pedagogia, esclareço que, nesta análise, tomamos como referência o termo Pedagogia como “prática de ensinar”.

⁹ Dentre outros estudiosos: Aguiar (2010); Freitas (2002); Neves (2004); Pazzaglia (2009); Almeida Neto (2007); Andrade Junior (2000) e Lustosa (1983).

períodos diversos. O catolicismo enfatiza de tal maneira a importância das cartas, que até mesmo nos manuais de civilidade (CUNHA, 2004), destinados a ensinar “boas maneiras”, é possível encontrar instruções sobre como proceder na escrita deste meio de comunicação. Um exemplo disso está no “Compêndio de Civilidade” (NASCIMENTO, 2007) publicado pelos padres Salesianos brasileiros no início do século XX.

Investigar a escrita epistolar é apaixonante, faz viajar por entre linhas, decifrar diálogos, conhecer personagens e lugares, compreender a história em determinado espaço e tempo. É revelar angústias, dúvidas, desafios. É, também, narrar opiniões, desejos, apropriações e representações de alguém sobre determinado assunto ou objeto. De acordo com Chartier (1991), o atributo principal da carta reside no fato de ela ser espontaneamente pensada como o lugar do segredo e da intimidade.

Segundo Camargo (2000a), a produção e a troca de cartas podem ser pensadas como práticas culturais pelas marcas, gestos e atitudes que os sujeitos tanto imprimem, como deixam impressas. É com o destinatário que o remetente vai estabelecer relações, configuradas a partir de modelos e códigos de interesses socialmente construídos, reveladas nos modos singulares de apropriação e expressão.

A vida, uma viagem...

Em alguns casos, por conta dos obstáculos impostos ao pesquisador durante a investigação, ele só tem permissão para trabalhar com o material já publicado. Quanto a este aspecto, para Camargo (2000b), “antes de serem livros, as cartas foram escritas de sujeito para sujeito [...]”.¹⁰ Assim, mesmo se elas concretizam-se, materializam-se e tornam-se acessíveis somente através de um livro, elas possibilitam ao pesquisador uma determinada apropriação da leitura e uma dada representação sobre a história dos personagens: autor-escritor e destinatário-leitor. Neste sentido, optamos por trabalhar com uma coletânea escrita entre 1981 e 1984, “trata-se de uma seleção de cartas plenas de experiências” (LUBICH, 1984b, p. 9). São cartas públicas

¹⁰ Com algumas exceções quanto a isso, a exemplo do estudo de Ina Von Binzer. “Os meus romanos, alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil” (1994). É um livro romancado, redigido sob a forma de cartas e conta a história da educadora alemã, que lecionou em algumas cidades do Brasil na segunda metade do século XIX.

dirigidas a pessoas dos cinco continentes e possuem a formatação típica da escrita epistolar: local, data, saudação inicial, captação da benevolência, narração, petição e saudação final.¹¹

A carta é um objeto que anuncia uma experiência, tem a força da troca e do envolvimento entre os correspondentes. Todavia, quando estas cartas se tornam públicas, acontece a revelação de um segredo? Vêm à tona aspectos da intimidade trocada entre os correspondentes? É uma possibilidade. Contudo, os aspectos enfatizados nas cartas investigadas neste estudo são lições que podem ser utilizadas por muitas pessoas.

É necessário ter presente que, antes de fazerem parte do livro, estas mensagens foram escritas com o fim específico de serem lidas por Chiara em uma coligação telefônica e que a partir desse momento convertiam-se em guia para os membros do Movimento durante 15 dias. O fato de tornarem-se públicas por meio do livro leva a crer que, tal como em um inventário de correspondências de determinado sujeito, as cartas vêm a público pela relevância de sua escrita, da mesma forma, nesta lista de mensagens de Chiara, elas deixaram de ser apenas um suporte unitário com acesso a poucos, para possibilitar uma circulação mais ampla do discurso.

A publicização em livro abriu precedentes para uma circulação maior das ideias de Chiara. Agora não apenas os membros internos do Movimento teriam acesso às mensagens, mas também pessoas que não aderiram à espiritualidade. De acordo com o editor, “embora destinado, a princípio, aos membros do Movimento, a mensagem do *collegamento* ultrapassa os seus limites pela sua densidade espiritual e pela eficaz insistência sobre alguns pontos fundamentais da vida cristã” (LUBICH, 1986, p. 9).

Os escritos necessitam de um suporte para circulação, neste sentido, atentamos para a materialidade dos impressos que veicularam as cartas de Chiara. Para Chartier (2002a), no estudo de um impresso, é importante ficar atento às características de seus suportes. Com a mudança para o suporte

¹¹ De acordo com Hugo de Bolonha em suas *Rationes dictandi* (Regras para escrever cartas – escritas entre 1119-1124) são 5 as partes de uma carta: a saudação, a captação da benevolência (uma certa ordenação das palavras para influir com eficácia na mente do destinatário), a narração, a petição (9 tipos: suplicatória, didática – quando se busca, por meio de preceitos aquilo que deve ou não ser feito – cominativa, exortativa, incitativa, admonitória, de conselho autorizado, reprovativa e direta) e a conclusão (BOLONHA, 2005, p. 100).

livro, entraram em cena diversos profissionais que trataram da adequação aos moldes de impressão. Não foi possível identificar de quem foi a ideia de publicar essas mensagens em livro, mas percebemos a existência de propaganda veiculada em uma nota na revista *Mariápoli* de agosto de 1984, divulgando o lançamento e enfatizando que as mensagens foram revisadas pela autora: “a *Città Nuova* editou um conjunto dos pensamentos de Chiara publicados em nossa revista e revistos pela autora. O título do volume é ‘*La vita, un viaggio*’” (MARIAPOLI, agosto de 1984, p. 3). Pesquisando em outras publicações desta mesma revista, localizamos também uma mensagem que enfatizava o desejo de Chiara de que todos tivessem acesso e fizessem uso de suas mensagens.

A edição em português, “A vida, uma viagem...”, foi traduzida no Brasil pela Editora Cidade Nova e publicada em 1986. Possui a mesma quantidade de mensagens do livro em italiano, 53, e quanto ao aspecto material, apresenta formato de 18 x 13,8cm, possui capa em cor branca, com imagem ao centro e mostra as informações na seguinte sequência: autora, título do livro em letras pretas e, no centro, uma tela, idealizada pela pintora paulista Adriana Magalhães Rocha. O predomínio das cores verde, azul e anil em tons pastel, dá a ideia do céu ao entardecer, com centenas de pássaros brancos e pretos voando em bando, como quando migram de países frios, buscando temperaturas mais quentes.

A imagem parece completar as reticências do título, lembram uma viagem em direção ao infinito. Outro detalhe que chama atenção é a existência dos pássaros brancos e pretos. As aves em preto parecem ser em maior número e estão mais organizadas indicando a direção a seguir. No entanto, para chegar ao destino, faz-se necessário contornar obstáculos, subir e descer, vencer os trechos sinuosos perceptíveis na imagem. E a essas dificuldades, Chiara sinalizava como vultos de Jesus na Cruz, “Jesus Abandonado”¹².

¹² De acordo com relatos dos entrevistados, um fato que aconteceu em 1944 fez com que aumentasse ainda mais em Chiara, o amor por Jesus na cruz. Por uma circunstância, ela ficou sabendo que o maior sofrimento de Jesus deu-se quando experimentou o abandono do Pai na cruz e gritou: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” (Mt 27,46). Ela ficou impressionada com isso e O escolheu em Seu Abandono, como caminho para realizar um ideal de amor. Assim começou a ver em todas as dores e dificuldades o semblante Dele. De acordo com Lubich (2000), Ele havia experimentado em si a separação dos homens, de Deus e entre si, e tinha sentido o Pai distante. Ela e suas companheiras

Na cor branca, a referência à luz que aparece em meio ou após a escuridão, ou ainda poderia ser, a “luz” do carisma de Chiara. Assim, a artista parece mostrar com a tela um resumo do conteúdo do livro: pássaros que voam juntos em bando, em direção ao infinito, deveriam incentivar os leitores a caminharem juntos, na viagem da vida.

A análise das mensagens

Na apreciação das descrições é possível transitar, do livro ao ato da escrita de Chiara, bem como ao período em que fez a leitura da mensagem para os membros do Movimento e ainda, desses momentos à publicação.

É necessário atentar para o fato de se tratar de uma escrita imbuída de preceitos religiosos católicos e que, neste sentido, esbarraremos nas implicações da fé x ciência. Esclarecemos que esse exame não pretende esgotar o assunto e que, nesta análise, visa, de modo específico, a apresentar alguns aspectos sobre como se configurou a prática educativa de Chiara por meio epistolar.

A introdução de uma carta pessoal geralmente é composta por expressões delicadas de cortesia e de afeto pelo destinatário. Nas mensagens de Chiara isso não é diferente, até porque, para ela “numa carta não se deve economizar gentilezas” (LUBICH, 1999, p. 632, tradução nossa).

Como se trata de uma mensagem para um número amplo de destinatários, no texto original em italiano ela se dirige aos leitores utilizando o

O viam não apenas nas dores pessoais, mas também nos sofrimentos das pessoas próximas, muitas vezes sós e abandonadas; nas divisões, nos traumas, nas indiferenças recíprocas, grandes ou pequenas: nas famílias, entre as gerações, entre pobres e ricos, às vezes na própria Igreja, e mais tarde entre as várias Igrejas, e depois ainda entre as religiões e entre quem crê e quem possui uma convicção diferente. Assim, ao longo da história do Movimento, muitas vezes, Chiara se referiu ao seu “Esposo Abandonado” tanto em cartas como em outros textos. Em 1949, ela escreveu um poema, que depois se tornou uma oração rezada pelos membros do Movimento: “Tenho um só esposo sobre a Terra, Jesus abandonado [...] Irei pelo mundo buscando-o em cada instante da minha vida”; em 1984a, escreveu o livro “L’unità e Gesù Abbandonato” e em 2000, “O Grito,” cuja dedicatória contém as seguintes palavras: “A Jesus Abandonado como uma carta de Amor.” Nesse livro, ela relata a sua adesão e vivência com o Abandonado e conclui citando o filósofo belga Jacques Leclercq: “No teu dia meu Deus, caminharei em tua direção [...] e com meu sonho mais desvairado: levar para ti o mundo em meus braços” (LUBICH, 2000, p. 128).

plural “*carissimi*”, que quer dizer “meus queridos” ou “queridíssimos” – uma expressão gentil e afetuosa. Na tradução em português, o editor propôs o termo “caros amigos”, talvez como uma maneira de aproximar o leitor da autora, que para muitos poderia ser uma figura desconhecida.

Em grande parte das mensagens, Chiara inicia com informações sobre suas atividades recentes, ou sobre alguma festa litúrgica daquele período ou ainda sobre o local geográfico onde estava. Ela criava uma motivação inicial para situar o leitor sobre o tema que iria discorrer, como também seu fundamento.

Na primeira mensagem, Chiara procurou justificar aquele momento de comunicação dizendo: “O motivo que me leva a dirigir-me a vocês é o desejo de avaliarmos juntos a que ponto estamos em relação à nossa santificação” (LUBICH, 1986, p. 11). A inspiração inicial desta mensagem, intitulada “A Santa Viagem” vem do Salmo 84, 5: “bem-aventurado o homem que põe a sua confiança em ti e decide no seu coração a santa viagem”. Chiara escreveu motivada por uma carta recebida de uma focolarina. Ela lhe falava sobre um propósito pessoal, de viver de acordo com esta bem aventurança enfatizada pelo Salmo. Chiara parecia aprovar a decisão daquela pessoa e resolveu lançar a proposta para todos os membros do Movimento. Assim, explicou sobre o que se trata essa Santa Viagem: “certamente da caminhada do homem em direção a Deus, em direção ao céu. A viagem, portanto, da própria santificação, que nos abre o paraíso” (LUBICH, 1986, p. 11).

O termo “Santa Viagem” voltará a aparecer em várias mensagens e se torna a chave para a compreensão do título do livro: “A vida, uma viagem...” Chiara o toma como *slogan* para o dia a dia dos membros do Movimento e para esses momentos de comunicação. Parece aprender uma lição com a frase, que diz ser nova para ela, e logo passa adiante, ensina a todos.

Na mensagem de 3 de dezembro de 1981, ela informou aos destinatários sobre diversas notícias recebidas nos variados meios de comunicação e, desse modo, desejava encorajá-los a continuar seguindo suas indicações: “Através de cartas, das comunicações e dos telegramas que vocês me enviaram soube que alguns, que ainda não tinham se decidido pela ‘Santa Viagem’, embarcaram decididamente ‘no trem’, prontos para viajar com todos os outros aos quais chega este *Collegamento*” (LUBICH, 1981, p. 23). Percebe-se a existência de uma reciprocidade na comunicação – as pessoas recebem a mensagem e em seguida escrevem para Chiara.

Mesmo quando tratava de um tema religioso específico, como a oração, ou a vontade de Deus, alguns argumentos citados para fundamentar as mensagens precedentes reapareciam em seu discurso: a santa viagem, o amor ao próximo, Jesus na cruz, dentre outros.

A partir das reflexões de Bourdieu (2005), pode-se pensar em possibilidades de apropriação da mensagem pelos destinatários de Chiara, de acordo com as indicações de como a religião e, neste caso específico, a Igreja Católica, funciona em seu papel de veículo para uma estruturação simbólica do pensamento.

Em sua qualidade de sistema simbólico estruturado, a religião funciona como princípio de estruturação que 1) constrói a experiência (ao mesmo tempo em que a expressa) [...] 2) graças ao efeito de consagração (ou de legitimação) realizado pelo simples fato da explicitação, consegue submeter o sistema de disposições em relação ao mundo natural e ao mundo social (disposições inculcadas pelas condições de existência) a uma mudança de natureza, em especial convertendo o *ethos* enquanto sistema de esquemas implícitos de ação e de apreciação em ética enquanto conjunto sistematizado e racionalizado de normas explícitas (BOURDIEU, 2005, p. 45-46).

Dessa maneira, dentro do campo religioso, Chiara que no início do Movimento enfrentou algumas dificuldades, foi interrogada e até proibida de falar publicamente, com o tempo adquiriu um espaço, obteve legitimação e, com isso, seu capital cultural e religioso aumentou lhe garantindo um poder que não era fruto de uma força econômica ou social, mas de bens culturais e simbólicos que foi conquistando.

As narrativas de Chiara faziam alusão também a conversas, a cartas recebidas e a festividades como Natal, Páscoa e comemorações de aniversário do Movimento dos Focolares. E ainda existem relatos de experiências pessoais. No pensamento intitulado “Sim a Jesus, não ao nosso eu”, ela escreveu:

Nestes dias que passaram, lendo uma página maravilhosa das cartas de Paulo, o Apóstolo, pareceu-me ter compreendido como ele vivia pessoalmente os cortes a que Jesus se refere. Após ter convidado os cristãos para imitar os atletas que fazem tantos sacrifícios para

conquistar um troféu, falando de si mesmo afirma: “Trato duramente meu corpo e reduzo-o à servidão, a fim de que não aconteça que, tendo proclamado a mensagem aos outros, venha eu mesmo a ser reprovado” (1 Cor 9,27). De fato, Paulo deveria cultivar o seu cacho, ou melhor, as suas videiras repletas de cachos, espalhadas em todas as regiões por ele evangelizadas. Eis o que se passa na sua alma ao pensar em todas estas pessoas a ele confiadas. Ele se apercebe do desejo, sente o impulso, a exigência de ser exemplo para todos, e para isso, como ele diz, trata duramente o seu corpo e o reduz à servidão. É isso que devemos fazer com o nosso eu (LUBICH, 1986, p. 63).

Presume-se que Chiara se inspirou nos ensinamentos do Apóstolo Paulo para escrever esta mensagem. Afirma que ele devia cultivar o seu “cacho, as suas videiras repletas de cachos”.¹³ Ora, ela havia proposto aos membros do Movimento que se organizassem em cachos para facilitar a vida em comunidade. Pensar essa modalidade de organização como algo já posto em prática por Paulo, possibilitava-lhe maior credibilidade. O Apóstolo, quando escreveu a primeira carta aos Tessalonicenses¹⁴, enfatizou a preocupação com a santificação: “É vontade de Deus a vossa santificação” (I Ts 4, 3). Paulo estava formando as primeiras comunidades cristãs e precisava dar instruções de como deveriam se comportar, escreveu pensando em cada situação particular que conhecia.

Chiara também estava constituindo as comunidades do seu Movimento e desejava levar a todos o seu “dom”, formar os seus seguidores. E, neste sentido, lidou muito bem com o simbólico, ao ponto de estabelecer comparações entre suas ações e a vida dos Santos. Ela aguçava a imaginação dos leitores para a possibilidade de também eles serem capazes de assemelha-rem-se ao Apóstolo. Ela realizou a leitura da carta de Paulo, aproximou essa leitura da realidade do Movimento e, falando das virtudes, dos cuidados com o pecado e com os hábitos que afastam de Deus, convidou os membros dos Focolares a seguirem o exemplo do Apóstolo.

¹³ Ela faz menção aos grupos e comunidades aos quais o Apóstolo seguia e evangelizava.

¹⁴ Em ordem cronológica, o primeiro livro da Bíblia escrito possivelmente entre os anos 50 e 51 do século I, quase 20 anos após a morte de Jesus.

Ela também se referiu à imitação das virtudes de outros Santos, em várias mensagens. Escrevia e procurava estar informada sobre atualidades da Igreja Católica e desejava que todos os membros de seu Movimento também vivessem em sintonia com essa instituição. Num pensamento sobre Maximiliano Kolbe, ela convidou a imitar o Santo, não tanto em relação à vida física, mas, principalmente, à capacidade de estar disposto a exercitar a humildade nos relacionamentos pessoais e a colocar em prática o amor.

Em uma de suas mensagens, ela contou uma história. Apesar de não ter citado a fonte, supõe-se que se trata de uma leitura biográfica ou de um filme:

Uma jovem mãe, com dez filhos, atingida por um tumor, confiou cada um de seus filhos, a famílias diferentes. Sentindo-se próxima da morte, foi visitá-los, pela última vez, fazendo uma longa e cansativa viagem. Após ter cumprido este último dever, estendendo-se no leito, disse: “tudo está em ordem”. Esta mãe nos ensina realmente o que é o amor (LUBICH, 1986, p. 38).

A grande preocupação de Chiara parecia ser buscar nestas histórias e leituras aquilo que poderia ajudar aos membros do Movimento a viverem o Evangelho concretamente, ou, dito de outra maneira, fazer ver qual a lição que se poderia tirar de sua narrativa. Ela queria formar o “seu povo”, que agora não se resumia aos poucos alunos de uma pequena sala, ou às comunidades da Itália – eram muitos, espalhados no mundo inteiro e assim precisava ser concreta e utilizar a didática, elemento que ela parece ter desenvolvido bastante em sua prática docente. Usava isso de diversas maneiras, inclusive, nos relatos quanto às suas observações das viagens.

Nestes dias, o Extremo Oriente levou-nos a outros propósitos. Citando dois deles, o primeiro é tornarmo-nos todos “locomotivas”. De fato muitos jovens desenham ou constroem um trem para representar a “Santa Viagem”. E muitas vezes colocam o meu nome na locomotiva. Porém só Deus sabe quem é que mais a impulsiona. Certamente é aquele que mais ama!

Depois o segundo: em contato com os nossos irmãos budistas soubemos que um de seus símbolos é a vela apagada. Ela significa

mortificação total, ausência completa de desejos. E eles são dignos da nossa admiração pela maneira como colocam isso em prática (LUBICH, 1986, p. 27).

Quando realizou a leitura desta mensagem, Chiara estava na China. Ela falava de propósitos, dizia como os membros do Movimento estavam fazendo para colocar em prática suas inspirações e também citava o empenho dos budistas para a prática da fé que professam. Falou ainda de locomotivas, de velas, usou exemplos representativos, falou do desenho. A narrativa se consistia em uma trama que envolvia de tal maneira o interlocutor, que o colocava na expectativa para a sugestão concreta que Chiara daria logo depois.

Outro exemplo pode ser verificado quando escreveu nas Filipinas:

Uma das alegrias que experimentei, nesta rápida passagem pela região asiática, foi constatar como aqui tudo se leva a sério e se coloca rapidamente em prática. Em Hong Kong, por exemplo, no final de um encontro inflamado, um gen dirige-se a uma de nós e diz: “Apresento-lhe o meu cacho” e mostra alguns jovens com quem compartilha o mesmo Ideal que ele segue, ama, serve, e para que possam se santificar juntos. Em seguida acrescenta: “E agora lhe apresento o meu responsável” e lhe mostra aquele que cuida dele (LUBICH, 1986, p. 29).

À medida que citava os países e os Continentes em suas mensagens, ela procurava mostrar para o mundo aspectos da cultura e dos locais por onde passava. Possivelmente via nisso uma maneira de possibilitar uma maior abertura das pessoas para os povos, muitas vezes discriminados. Esses relatos de viagens tendem a proporcionar nos interlocutores uma visão ampliada sobre conhecimentos em Cultura, História e Geografia.

Chiara também esteve em Melbourne, capital de Victória, na Austrália. De lá, escreveu:

[...] Este jovem continente, a Austrália, lembra-nos isto com seu brasão, onde estão representados dois animais típicos da região, escolhidos propositalmente porque não sabem andar para trás: o canguru [...] e uma grande ave cujo nome é “emu”. (Também conhecida como o avestruz australiano). Nós também devemos caminhar sempre para

frente, com coragem. E sabemos que, para caminhar, temos a Palavra de Vida. Ela é, como diz o salmo: “...lâmpada para os meus passos e luz para o meu caminho” (Sal 118, 105). [...] Jesus fez-se verdadeiramente fraco com os fracos. E assim iniciou o caminho para o “*Ut Omnes*”. Dobrou-se em nossa direção, mas não se quebrou, exatamente como a cana de bambu, que nas Filipinas, por exemplo, é bastante utilizada porque se dobra mas não se quebra (LUBICH, 1986, p. 32).

A professora Chiara parecia possuir raízes muito fortes da Pedagogia Ativa. Ela utilizava palavras do ambiente onde estava para escrever suas mensagens: canguru, avestruz, cana de bambu, brasão. Recolhia elementos físicos e da natureza para ilustrar sua narrativa: animais, aves, vegetação, raiz, cansaço, suor, repouso, treinamento. Estabelecia comparações com a vida dos membros do Movimento e fazia a ligação com suas indicações doutrinárias.

Após uma visita ao Santuário dos Sete Santos Fundadores, em Monte Senário, Itália, ela escreveu:

Lá, diante das preciosas relíquias, depois de ter saudado Jesus e Maria, a quem tanto eles amaram, pedi aos Sete que fossem os protetores particulares deste nosso “*collegamento*” quinzenal, do qual nos servimos para nos ajudarmos na nossa santificação coletiva.

Terminada a breve oração, pude admirar numa das paredes da pequena igreja um afresco que representava um milagre daqueles Santos: em pleno inverno, uma videira começou a cobrir-se de brotos, a florescer e a dar maravilhosos cachos. Este fato extraordinário significou para eles um sinal da vontade de Deus, para que acolhessem na sua família religiosa muitos outros membros.

Naturalmente, como vocês podem entender, esta feliz coincidência entre os Sete Fundadores, a videira e os cachos, foi motivo de alegria, tornando-se ainda mais vivo e insistente o desejo de fazer florescer no inverno deste mundo enregelado pelo materialismo, a mística vinha de Jesus Abandonado (LUBICH, 1986, p. 49).

Nesses relatos, evidencia-se também a força da escrita autobiográfica. Chiara faz descrições nas cartas, muito semelhantes às escritas de diários. Nessa mensagem, ela conseguiu realizar uma ligação entre os aspectos da

vida dos Santos observados, dessa vez, não por meio de uma leitura realizada, mas por intermédio da visualização de um quadro. Esses Sete Santos se tornaram um símbolo de referência, um exemplo que ela gostaria que todos os membros do Movimento no mundo conhecessem. E, visto o poder simbólico e a credibilidade que eles tinham por terem se tornado santos, ela desejava que todos os imitassem e se tornassem semelhantes a eles.

Chiara também retomava histórias de anos anteriores, exercitava a memória. Em alguns escritos, discutiu sobre a humanidade de Jesus, Ele que viveu, foi carpinteiro, cansou-se, fez catequese, repousou, alimentou-se, amou Maria e José, instruiu os discípulos, fez milagres e saciou o povo. Ela explicou ser Ele o Verbo, a Palavra de Deus encarnada e que, assim, serão verdadeiros cristãos e santos aqueles que preencherem toda a vida com a Sua Palavra.

Quanto às viagens pela Suíça, ela expôs na mensagem do dia 20 de janeiro de 1983, observações realizadas em seus passeios:

Nestes dias de inverno fiquei muito impressionada em ver como as videiras são cultivadas, aqui em Vallese, na Suíça, a quantos cuidados e a quanta disciplina são submetidas. Dão um ótimo vinho, é verdade, mas que trabalho assíduo elas exigem. Nós as vemos, plantadas em filas retilíneas, perfeitamente equidistantes a fim de que cada uma fique bem exposta ao sol. Nós as observamos, podadas de todos os ramos supérfluos, para que, às vezes, um só ramo produza seu fruto abundante, seus cachos suculentos. São amarradas fortemente a uma estaca para que se mantenham na vertical e não se arrastem no chão. As folhas que caíram durante a vindima são recolhidas para que a terra em torno delas fique limpa. Quando pequeninas, elas são protegidas por uma tela cilíndrica. E muitos outros cuidados ainda (LUBICH, 1986, p. 81).

A narrativa de Chiara sobre passeios, viagens, programas de TV, filmes, competições esportivas e leituras, além de servir de argumento para as suas lições, também chamava atenção para a importância de dedicar alguns momentos do dia ao *relax*, lazer e repouso. Ela preocupava-se com a formação das pessoas e as raízes desta atenção direcionam para sua concepção acerca da educação, explicitada em novembro de 2000, quando recebeu em Washington o título de Dr^a. *Honoris Causa* em Pedagogia.

Educação pode ser definida como o itinerário que o educando (indivíduo ou comunidade) percorre, com a ajuda do educador ou dos educadores, na direção de um dever ser, de um objetivo considerado válido para o homem e para a humanidade (LUBICH, 2003, p. 275).

Para Chiara, educação é um processo que deve ser percorrido pelo indivíduo, mas é imprescindível a colaboração de um mestre, um guia e aparentemente ela desenvolvia esse papel também por meio epistolar, sendo uma educadora que ajudava, que era mediadora da aprendizagem, como sugeriam os princípios da Pedagogia Ativa.

Em suas mensagens, Chiara insistia em lembrar a seus interlocutores que Deus é Amor,¹⁵ que Ele ama a todos. “Ele é o educador por excelência: Deus Amor, Deus Pai” (LUBICH, 2003, p. 276).

Chiara falava de uma educação centrada na unidade, na ajuda recíproca, na partilha. Desejava que fossem capazes de gerar uma convivência harmoniosa entre as pessoas, semelhante àquela apresentada pelos dois discípulos, quando Jesus Ressuscitado lhes apareceu no caminho de Emaús (Lc 24, 13-35). Ela confirma esse estilo de pedagogia como típica do Movimento dos Focolares, todavia é ciente dos limites e das implicações metodológicas deste fazer educativo. Chegou a dizer que parecia um projeto utópico e, lembrou que, cada pedagogia autêntica foi portadora de um objetivo utópico. No caso dos Focolares, ela não o enxergava como uma meta inatingível, visto que se podem observar os frutos desta pedagogia em vários âmbitos da sociedade.

Com a educação fundamentada nos valores pedagógicos, Chiara almejava que os membros do Movimento pudessem trilhar de modo coerente, o caminho em direção à “Santa Viagem”.

Com a experiência dos *collegamentos* e o envio de sua mensagem aos cinco continentes, ela não tinha diante de si apenas um pequeno grupo de pessoas em uma sala de aula. Os meios de comunicação lhe possibilitaram falar e escrever a milhares de indivíduos das diferentes partes do mundo.

Chiara começou um Movimento na Igreja Católica, anterior ao Concílio Vaticano II, em que os leigos não tinham muita credibilidade. E neste sentido

¹⁵ A ideia de Deus que é “Amor” tem como base a Primeira carta de São João, capítulo 4, versículo 16: “Deus é amor; e quem está em amor está em Deus, e Deus nele”.

submeteu-se a vários empecilhos para adentrar no campo religioso. Campo, que para Bourdieu (1980), “é um espaço estruturado cujas propriedades dependem das posições ocupadas neste espaço”. Alusivo ao campo religioso, para o referido autor (1990), é um espaço, cujos agentes (padre, profeta, leigo etc.) lutam pela imposição da definição legítima não só do religioso, mas também das diferentes maneiras de desempenhar o papel religioso.

Chiara transitou neste campo, construiu relações com algumas personalidades da Igreja e firmou-se, sendo respeitada e estimada por bispos, cardeais e, inclusive, pelos Papas. Ela foi a única mulher, leiga, a fundar um Movimento Católico no século XX, tanto que é considerada, junto com Madre Tereza de Calcutá, as duas mulheres contemporâneas mais influentes do catolicismo.

Chiara se autodenominou e ficou conhecida, no ambiente religioso, como detentora de um “carisma” – o carisma da unidade. De acordo com o dicionário de Aurélio Buarque de Holanda Pereira (1999), carisma é uma palavra que vem do grego *chárisma*, que significa “dom”, ou seja, “é uma força divina conferida a uma pessoa, em vista da necessidade ou utilidade da comunidade religiosa” (PEREIRA, 1999, p. 411). E ainda, pode ser definido como “atribuição a outrem de qualidades especiais de liderança derivadas de sanção divina” (PEREIRA, 1999, p. 411).

Do ponto de vista do catolicismo, consoante Smerilli, carisma é:

Aquilo que dá alegria. *Chárisma* ou *kharis* tem também a raiz da palavra gratuidade. A gratuidade é uma atitude interior livre que leva a colocar-se ao lado de cada ser vivo, cada pessoa, cada atividade, a natureza e a si mesmo, com o entendimento de que tudo isso não são “coisas” para usar, mas realidades para respeitar e amar, porque eles têm um valor intrínseco que a pessoa aceita e reconhece como bom (SMERILLI, 2011, p.107-134, tradução nossa).

O “carisma da unidade” de Chiara tinha como meta a união dos povos, para realizar o pedido de Jesus, descrito pelo evangelista João no capítulo 17, versículo 21 de seu Evangelho: “Que todos sejam um”. Pensando em carisma, como o define Bourdieu, reservado para “designar as propriedades simbólicas (em primeiro lugar, a eficácia simbólica) que se agregam aos agentes religiosos na medida em que aderem à ideologia do carisma, isto

é, o poder simbólico que lhes confere o fato de acreditarem em seu próprio poder simbólico” (BOURDIEU, 2005 p.55), o fato de o líder religioso acreditar que é detentor de um carisma lhe confere um poder concedido a si mesmo, que é refletido também em liderança para com os outros. Assim, o líder carismático impõe um poder, uma representação simbólica como sendo alguém que “faz descer do céu, o que ele devolve ao céu aqui da terra” (BOURDIEU, 2005 p.55).

Assim sendo, a ideia de que Chiara era dotada por um carisma, lhe conferiu poder simbólico, credibilidade e liderança – uma prova disso são os milhares de pessoas que aderiram aos Focolares.

Percebemos que Chiara tinha os meios de comunicação sociais como aliados, visto que possibilitavam uma velocidade maior na comunicação entre os membros do Movimento. Diante disso, fica evidente que Chiara utilizou as cartas como uma estratégia viável à sua época, para manter-se em contato com as pessoas e difundir seu carisma. Não podemos desconsiderar, como já mencionado anteriormente, que as cartas fazem parte de uma estratégia utilizada pela Igreja, desde o início do Cristianismo para evangelizar os fiéis. Certeau (1994, p. 99) chama de estratégia “o cálculo das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável de um ambiente”. Ela parte de um lugar, físico ou teórico: escola, Igreja, instituição, movimento, associação, dentre outros. No caso de Chiara, inicialmente, o lugar era a escola. Porém, com o reconhecimento do Movimento dos Focolares, ela escreveu com a autoridade de fundadora, de detentora de um carisma, de mulher importante na Igreja Católica.

Mas por que escreveu? Que argumento enfatizava? Pensando em uma dimensão que leva em conta a relação professor/aluno, destinatário/remetente, na escrita das mensagens de Chiara, ela pôs em prática as táticas que devem consolidar sua estratégia. Certeau (1994, p. 100) chama de tática “um cálculo que não pode contar com um próprio, nem portanto com uma fronteira que distingue o outro como totalidade visível. A tática só tem por lugar o do outro. Ela aí se insinua, fragmentariamente, sem apreendê-lo por inteiro, sem poder retê-lo à distância”. Chiara usava a inteligência, elaborava os argumentos que pretendia evidenciar. Porém, antes de lançar a mensagem ao outro, fazia ela própria a experiência.

Nos epistolários analisados, percebemos que a escrita de Chiara partia de um pretexto, o desejo de comunicar-se com as pessoas e, neste sentido,

as cartas funcionavam como uma estratégia de comunicação. Porém, possivelmente, ela aproveitava essa oportunidade não apenas para dar notícias, mas para ensinar, para formar os membros do seu Movimento. Pensando nos conceitos de estratégia e tática, empreendidos por Certeau (1994), poder-se-ia dizer que neste aspecto as cartas passaram a fazer parte de uma estratégia empreendida por Chiara para a formação. Entretanto, ela não conhecia todas as pessoas para as quais estava escrevendo e, neste sentido, talvez até de modo inconsciente, ela era acometida de um *status* de “fraqueza”, de ausência do conhecimento das várias realidades; era preciso sabedoria, astúcia para encontrar as palavras justas, que deveriam cravar-se no campo desconhecido. Assim, ao mesmo tempo em que estava como um sujeito do poder, pois dispunha da estratégia da fala e da escrita, Chiara lidava com o limite da ausência do poder de olhar para as pessoas.

A tática, segundo Certeau (1994), tem a função de calcular bem as coisas e tem como aliada o tempo. Chiara não tinha como ver as pessoas, apenas ouvia algumas vozes; por isso, era preciso que a mensagem fosse cuidadosamente preparada. Para tal, ela precisou elaborar táticas de escrita, ter um conjunto de argumentos convincentes e, nesta direção, fez vários movimentos, utilizou diversos recursos disponíveis para ilustrar e enviar a mensagem no momento devidamente calculado.

Palavras conclusivas

As mensagens de Chiara foram produzidas de modo individual, dentro de um determinado contexto e dirigidas a um grupo específico – os membros dos Focolares. Logo depois elas se converteram em livro, isso possibilitou o acesso de um número maior de pessoas a essa gama diversificada de assuntos enfatizados. É possível elaborar uma cadeia de ligações entre a escrita de Chiara, suas estratégias de comunicação e de formação e o alcance que essas estratégias adquiriram.

As cartas partiam de um lugar central, com poder simbólico autorizado, o âmbito de um Movimento reconhecido pela Igreja. Foram escritas por uma pessoa detentora de um “dom da graça” e que, conseqüentemente, dispunha de amplo capital simbólico. Ela desejava divulgar seu carisma e também proporcionar momentos de encontros entre os membros do Movimento “eu

comuniquei a vocês, e isso deve ser passado para os outros, é feito para os outros, não é feito só para pessoas a quem foi dado” (LUBICH, 1987a, p. 10). Assim, a princípio, utilizava as cartas como uma estratégia de comunicação; por conseguinte, como ela desenvolvia um processo pedagógico, a escrita epistolar funcionava como um recurso didático de suas estratégias.

A carta, condutora de um discurso formativo, alcançou um espaço previamente estabelecido: as comunidades ao Movimento. Ali, proporcionou momentos de encontro, leitura, escuta e partilha fraterna, possibilitando a ideia da confirmação da unidade com o Movimento. A partir daí, a mensagem impressa na mente das pessoas e materializada na escrita, deveria chegar a outros ambientes: casa, família, escola, Igreja, trabalho, empresa e na sociedade, mediante a vida, as ações práticas e os testemunhos.

Percebe-se que o método de Chiara é condutor de um paradigma diferente de educação católica, baseado nos princípios da unidade, tolerância mútua, comunhão, solidariedade e fraternidade e neste sentido, estudar sua escrita epistolar possibilitou acompanhar as atividades de uma mulher, que mesmo fora dos muros da escola, conseguiu proporcionar, por meio de cartas, formação e instruções, além da transmissão de valores católicos a pessoas de diversas partes do mundo.

Referências

ANNUARIO della R. Scuola Complementare “N. _E p. Bronzetti” di Trento. Per l’anno scolastico 1927-1928. Anno VI dell’era fascista. Trento: Tipografia – Libreria Ed. G. B. Monauni, 1928.

ANNUARIO della R. Scuola di avviamento al lavoro “N. _E p. Bronzetti” classe I e della R. Scuola Complementare classe II e III di Trento. Per l’anno scolastico 1929-1930. Anno VIII dell’era fascista. Trento: Tipografia artiglianelli, 1930.

AGUIAR, Thiago Borges. *Jan Hus: As cartas de um educador e seu legado imortal*. 305f. 2010. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

ALMEIDA NETO, Dionísio de. *Pelo império da virtude* – formação, saberes e práticas de Dom Domingos Quirino de Souza (1813-1863). Aracaju: Gráfica e Editora Triunfo Ltda, 2007.

ANDRADE JUNIOR, Péricles Moraes de. *Sob o olhar diligente do pastor: a Igreja Católica em Sergipe (1831-1926)*. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2000.

BÍBLIA SAGRADA. Tradução: Centro Bíblico Católico. 31ed. São Paulo: Ave Maria, 1981.

BOLONHA, Hugo de. Rationes dictandi. In: TIN, Emerson (Org.). *A arte de escrever cartas*: Anônimo de Bolonha, Erasmo de Rotterdam, Justo Lúpsio. Campinas: UNICAMP, 2005, p. 81-109.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguísticas*. São Paulo: USP, 2008.

_____. Gênese e estrutura do campo religioso. In: _____. *A economia das trocas simbólicas*. 6.ed. São Paulo: Perspectiva, 2005, p. 27-78.

_____. Algumas propriedades dos campos. In: _____. *Questões de Sociologia*. São Paulo: Marco Zero, 1980.

_____. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. *O poder simbólico*. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989.

BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CAMARGO, Maria Rosa Rodrigues Martins de. *Cartas e escrita*. 2000. 147f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas 2000a.

CAMARGO, Maria Rosa Rodrigues Martins de. Cartas adolescentes. Uma leitura e modos de ser... In: MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio; BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos (Org.). *Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica*. Florianópolis: Mulheres, 2000b, p. 203-228.

CAMBI, Franco. *História da pedagogia*. São Paulo: UNESP, 1999.

CARELLA, Vitantonio. *Silvia/Chiara Lubich le sue origini e la sua formazione* (1920-1943). 2012. Monografia (Bacharelado em Teologia) – Instituto Teológico de Trento, Trento, 2012.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. São Paulo: UNESP, 2002b.

_____. *A beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Porto Alegre: UFRGS, 2002a.

_____. (Dir). *La correspondance*. Les usages de la lettre au XIX siècle. Paris: Fayard, 1991.

COMENIUS. *Didática magna*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Os dizeres das regras: um estudo sobre Manuais de civilidade e etiqueta. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 3., 2004, Curitiba, *Anais...* Curitiba, 2004.

FOLGHERAITER, Piera. La mia collega Silvia. *Rivista Città Nuova*. Roma, n. 5, p. 46-48, Mar. 2010.

FOLONARI, Giulia Eli. *Lo Spartito scritto in cielo: cinquant'anni con Chiara Lubich*. Roma: Città Nuova, 2012a.

_____. Depoimento durante o lançamento do livro: *Lo spartito scritto in cielo*. Loppiano, 30 de outubro de 2012c.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. *O que é um autor?* Lisboa: Passagens. 1992, p. 129-160.

FREITAS, Marcos Cezar. Por quem os sinos dobram? As cartas pastorais e a contribuição da História da Educação à história das mentalidades. In: BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio (Org.). *Destinos das letras: história, educação e escrita epistolar*. Passo Fundo: UPF, 2002, p. 57-73.

GIORDANI, Igino. Storia del nascente Movimento dei Focolari. In: LUBICH, Chiara; GIORDANI, Igino. *Erano tempi di Guerra...* agli albori dell'ideale dell'unità. Roma: Città Nuova, 2007, p. 41-74.

GOMES, Ângela de Castro (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: UNICAMP, 2003.

LEONARDI, Paula. *Além dos espelhos: memórias, imagens e trabalhos de duas congregações católicas*. São Paulo: Paulinas, 2010.

LUBICH, Chiara. *Lettere dei primi tempi (1943-1949): alle origini di una nuova spiritualità*. Roma: Città Nuova, 2010.

_____. *Ideal e luz: Pensamento, espiritualidade, mundo unido*. São Paulo: Brasiliense; Vargem Grande Paulista: Cidade Nova, 2003.

_____. *O grito*. São Paulo: Cidade Nova, 2000.

_____. *Come un arcobaleno: Gli “aspetti” nel Movimento dei Focolari*. Roma: Città Nuova, 1999 (ad uso interno del Movimento dei Focolari).

_____. *A aventura da unidade*. São Paulo: Cidade Nova, 1991a.

_____. *Diário de viagem 1964-1965*. São Paulo: Cidade Nova, 1991b.

_____. *Chiara Lubich e o movimento dos focolares*. São Paulo: Cidade Nova, 1988a.

_____. *A vida, uma viagem...* São Paulo: Cidade Nova, 1986.

_____. *La vita un viaggio*. Roma: Città Nuova, 1984b.

LUSTOSA, Oscar de Figueiredo. *Os bispos do Brasil e a imprensa*. São Paulo: Edições Loyola, 1983.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio; GONDRA, José Gonçalves (Org.). *Viagens pedagógicas*. São Paulo: Cortez, 2007.

MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio; GONDRA, José Gonçalves (Org.). *Papéis guardados*. Rio de Janeiro: Rede Sirius, 2003.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. *As boas maneiras como virtude cristã: O Compêndio de Civilidade dos padres salesianos*. Disponível em: <http://jorge.carvalho.zip.net/arch2007-02-04_2007-02-10.html>. Acesso em: 14 fev. 2013.

NEVES, Luiz Felipe Baêta. Para uma teoria da carta: notas de pesquisa. In: NEVES, Luiz Felipe Baêta. *As máscaras da totalidade totalitária: memória e produção sociais*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1988, p. 191-195.

_____. *Tendência, poder e cotidiano: as cartas de missionário do padre Antônio Vieira*. Rio de Janeiro: Atlântica Editora, 2004.

PALIOTTI, Oreste; CALLEBAUT, Bennie (Ed.). *Chiara mia sorela: entrevista a Gino Lubich*. Roma: Città Nuova, 2011.

PAZZAGLIA, Luciano; MONTINI, Giorgio; MONTINI, Giovanni Battista. (Org.). *Affetti familiari, spiritualità e politica: carteggio 1900-1942*. Brescia: Istituto Paolo VI; Roma: Studium, 2009.

POVILUS, Judith Marie. “*Gesù in Mezzo*” *nel pensiero di Chiara Lubich: Genesi, contenuti e attualità di um tema della sua spiritualità*. Roma: Città Nuova, 1981.

RIBEIRO, Sandra Ferreira. Entrevista concedida à autora. Vargem Grande Paulista, 15 de janeiro de 2011a.

ROBERTSON, Edwin. *Chiara*. São Paulo: Cidade Nova, 1979.

SALIZZONI, Vittoria. *Aletta racconta... una trentina con Chiara Lubich*. Roma: Città Nuova, 2013.

Data de registro: 17/11/2015

Data de aceite: 18/01/2016